

Memória da Infância: A reinvenção

(Muna Omran¹)

RESUMO: O presente texto analisa *Reinvenção da Infância*, de Salim Miguel, sob a ótica da preservação da memória como ponto crucial para a compreensão, reconhecimento e preservação da identidade.

Palavras-Chave: Literatura – Salim Miguel – Identidade – Memória

Abstract: This paper examines *Reinvenção da Infância* from the perspective of preserving the memory, as a way to understand, to recognize and to preserve the identity.

Key-Words: Literature – Salim Miguel – Identity - Memory

Memória da Infância: A reinvenção

1. Pacto com o leitor

Invocando as musas, os narradores do passado convocavam seus ouvintes para passarem seus ensinamentos e suas experiências. Assim faz Salim Miguel nos contos de *Reinvenção da Infância*, ao rememorar sua infância e adolescência no sul do Brasil, o autor rememora suas experiências, fazendo com que seu leitor identifique-se com elas. O narrador onisciente, com lirismo e naturalidade, reconta fatos de sua existência, imprimindo sua experiência e redescobrando sua identidade.

“Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria existência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de contá-la um dia.” (Benjamin, 1987: 204).

¹ Pesquisadora do GP LeiFEn/UFF e do GP Temáticas, narrativas e representações árabes, asiáticas, africanas, sul-americanas e de comunidades diaspóricas/USP.

Embora em momento algum o autor se coloque como personagem, na medida em que os contos são em terceira pessoa, descaracterizando assim o livro como autobiografia, o conteúdo de *Reinvenção* fica no limite da ficção e realidade, pois assume um caráter memorialístico²:

“o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade, ou pelo menos, não afirmá-la.” (LEJEUNE, 2008: 25)

Compreendemos, assim, que para Lejeune, o leitor ao ler uma obra como um fantasma revelador do indivíduo, ocorre um pacto fantasmático que se funda em uma série de semelhanças da vida do autor que fazem o leitor acreditar que haja tal identidade.

Nessa identificação, o autor é o mais complexo, autor e pessoa real não se confundem, mas, ainda de acordo com Lejeune “o autor não é uma pessoa. É quem pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles.” (p. 23).

Nessa ordem, o autor pode ser definido uma pessoa real e socialmente responsável, como ainda, o produtor de um discurso.

Para quem não conhece os fatos extraliterários que constituem a vida de Salim Miguel tende a não associar os fatos narrados à vida do autor, este leitor encararia os contos de *Reinvenção* sob ponto de vista da crítica tradicional como puro fingimento. As lembranças constituem nossa identidade, mas o que esquecemos também, daí o papel importante da memória, ela é lembrança e esquecimento, e do esquecimento reinventa-se um passado enquanto *continuum* das experiências vividas. Salim Miguel não se compromete em contar a verdade toda e a absoluta verdade sobre si mesmo e sobre sua infância e de seus ascendentes, daí os mais distantes fatos desta infância reinventada ganham forma e sabores:

² O caráter memorialístico de uma obra seria a história de um clã. Ver SANTIAGO, Silvano. “Prosa literária atual no Brasil”. IN: **Nas malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2002.

“Mas quando mais nada subsistisse de um tempo remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas-sozinhos, mais frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.” (PROUST, 2009:100)³

A essência da trajetória de vida dos personagens narrados, muitas vezes se aproxima da experiência do autor, uma vez que esses contos conservam a modelização, a intencionalidade e o contrato de fingimento. Nessa perspectiva, recorremos a Wolfgang Iser para quem no fingimento o imaginário que se articula com o texto emerge, havendo, neste ato, uma transgressão de limites e uma articulação com o leitor.

“Quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação correspondente. O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário.” (ISER, 1983: 386)

O narrador seleciona os fatos que seu leitor deve saber, desta forma estabelece uma cumplicidade com seu leitor, como por exemplo, no caso da disputa dos canarinhos.

“ O leitor, caso não seja desses eternos insatisfeitos, querendo sempre uma definição, que continue ali. Ou decida logo, escolha entre o acinzentado e o amarelado. De nossa parte, já foram postos na mesa todos os elementos disponíveis. (MIGUEL, 2011: 98)

O autor compartilha com o leitor as suas dúvidas, permitindo que divida com ele as experiências por ele vividas, permitindo assim que o leitor crie a outras novas situações, caracterizando seu imaginário: “ Assim, o sinal de ficção não se designa nem mais a ficção, mas sim o ‘ contrato’ entre autor e leitor(...)” (ISER, 1983: 397).

³ PROUST. Marcel. **Os caminhos de Swam**. Tradução Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro. 2009.

O leitor, agora, então, segue as condições do autor e do texto para haver, desta forma, reforçar um vínculo com o autor.

2. Memória e Identidade

Hoje os meios de comunicação impedem a transmissão das tradições, esfacelando-se a memória, e gerando assim a amnésia contemporânea e a perda da identidade individual e coletiva, o recordar do escritor libanocatarinense recupera os encantos da deusa grega “Mnemosyne”.

A narrativa memorialística de Salim Miguel resguarda, preserva sua identidade e seus vínculos com o seu passado libanês, mesmo tendo chegado ao Brasil com três anos de idade, a marca de sua origem cultural esta presente no seu ato de narrar, herdado da tradição milenar de *As mil e uma noites*. Sherazade narra para não morrer, preservando-se para a vida, Salim Miguel através da narrativa procura atar as duas pontas da vida, “ligando o que foi e o por vir” (BOSI) apresentando pelo viés da memória cultural o cotidiano de uma família de imigrantes que viveram numa determinada região do país, após passarem pelo segundo maior porto de entrada, o Rio de Janeiro.

“Na década de 1920, a média de ingresso nesse porto de imigrantes provenientes do Oriente Médio era de 2.300 por ano, com um pico em 1926, quando entraram 3.806 indivíduos. O grande movimento de saída dos imigrantes classificados como ‘turcos’ ou ‘turco-asiáticos’ com destino a outros portos nacionais mostra que o Rio de Janeiro também servia como centro para a ‘re-imigração’ dos árabes dentro do território brasileiro.” (PINTO, 2010: 62)

A marca da tradição árabe de narrar ocorre na medida em que, por ser de base oral, remonta ela própria a raízes bem anteriores. Navegando pela memória, o autor desnuda sua infância e se desnuda, levando o leitor a entrar no seu passado vindo de um “porto ignoto para um destino igualmente ignoto” (MIGUEL, 2011:13).

Suas memórias fragmentam-se e *Reinvenção da Infância* fica, muitas vezes, no limite da prosa e da poesia e como bom escritor que é, Salim Miguel “nunca diz mais do que pensou. Por isso, o seu escrito não reverte em favor dele mesmo, mas daquilo que quer dizer.” (BENJAMIN, 1987: 208).

Suas histórias alimentam-se do duplo realidade/ficção, sendo uma reação ao processo de enfraquecimento do lembrar, no desejo de resgatar o passado para não deixá-lo que desapareça definitivamente, reativa zonas épica da memória. Como o próprio autor afirmar:

“Fato e ficção se inter-relacionam nesta narrativa, misto de memória e imaginação, realidade e fantasia, realidade podendo ser fantasia; e fantasia e realidade. (...) O protagonista, intencionalmente, não tem nome, pois o ser humano em qualquer época e em qualquer parte do mundo tem instantes de aproximação; na sua infância, da infância dos demais.” (MIGUEL, 2011: 126)

E mesmo sendo ainda um menino de três de idade ao chegar ao Brasil, reconta a difícil chegada da família, sempre rememorada por seu pai, Seu José ou Yussef ou ainda Zé Turco.

“Certo dia, vi que estava praticamente sem dinheiro, saí com meu filho de três anos para ir à agência bancária, não encontrei a rua por mais que procurasse. De volta à pensão mostrei o documento para o gerente, que sabia vários idiomas, inclusive um pouco de árabe, ele me disse ‘ Aqui não há endereço, nem há nenhuma referência à importância depositada, é um papel sem nenhum valor. ’” (p.114)

Desta forma, Salim Miguel articula história pessoal com a História da imigração no Brasil. Nos contos da obra aqui apresentada, alinhavam-se os pontos da história da imigração árabe no Brasil. Mostra o incômodo de seu pai ao ser chamado de “turco”, como ainda nesta forma de se dirigir ao imigrante árabe certo distanciamento de caráter eurocêntrico. José Miguel reagia quando se referiam a ele como “turco”, como nos relata o narrador do conto “É Turco”.

“A família era libanesa; querer irritar o pai (mais que a mãe) era chamá-lo de turco. A Turquia (Império Otomano), durante séculos havia dominado toda uma região que incluía a Síria e o Líbano. Com a indesejada referência, o pai, memória [grifo nosso] ativada, acrescentava, olhos fuzilando, voz alterada: ‘ fomos libertados da Turquia pelos bonzinhos dos ingleses e dos franceses.’ (p.20)

Esta referência se origina desde o período em que, ainda sob dominação do Império Otomano, muitos sírios e libaneses chegavam ao Brasil, com o passaporte otomano. A imigração árabe⁴ no Brasil se deve a vários fatores, porém as narrativas criadas pelo imaginário das comunidades emigratórias fazem referência à intolerância religiosa, miséria e pobreza, criando-se assim os chamados “mitos da imigração”.

“O processo de emigração em massa de determinadas regiões do Império Otomano e, após a Primeira Guerra Mundial, dos territórios da Síria, Líbano e Palestina foi desencadeado pelo efeito cumulativo de uma série de fatores cujo impacto foi diferente em cada região.” (PINTO, 2010: 27)

A família Miguel emigra para o Brasil em 1927, quatro anos após o Império Otomano ser abolido. A família partira de Beirute para os Estados Unidos, mas um problema ocular de Yussef Miguel detectado em Marselha, França, impediu que prosseguissem viagem para a América do Norte a fim de se encontrarem com os irmãos de Tamina, esposa de Yussef. A família rumou, seguindo seu destino, o que estava escrito, *maktub*, para o Brasil, onde Yussef Miguel tinha uma irmã, Sada, moradora do município de Magé, no Estado do Rio de Janeiro:

“ Qual a diferença entre *maktub* e acaso, perguntei a minha mãe; sorriu, seu sorriso breve e claro, marca registrada: ‘ Estava escrito que o destino da família não era viver nos Estados Unidos, acaso foi parar no Brasil.’ Meu pai discordou: ‘ Não sei não, afinal eu tinha uma irmã aqui. Para mim o acaso acontece, o *maktub* existe.” (MIGUEL, 2011: 113).

⁴ Aos nos referirmos à imigração árabe, ainda sob o jugo do Império Otomano, geograficamente estamos fazendo referências Monte Líbano e aos territórios de Damasco, compreendidos, hoje, entre os países Síria e Líbano (neste período o Monte Líbano era visto como parte integrante da Síria).(PINTO, 2010).

Contatos com parentes em outros países era comum entre os imigrantes. Estes partiam de sua terra natal com relações interpessoais para se estabelecerem, assim acontece com a família de Yussef Miguel. Este tipo de relação ajudava os imigrantes a manterem alguma ligação com a cultura sociedade de origem e ajudavam a inseri-los no novo país.

“Uma vez iniciada a emigração para o Brasil, ela expandiu-se em rede, pois muitos imigrantes já estavam aqui estabelecidos chamavam outros membros da família para ajudá-los nos negócios em expansão ou serviam de referência que atraíam outros imigrantes de suas aldeias de origem.” (PINTO, p. 52)

No entanto a família não se adapta a Magé, Yussef decide partir para o sul do país, Santa Catarina, onde tinha também parentes. O pai exercia a profissão de todos aqueles árabes que aportavam no Brasil, mascateava pelo interior de Santa Catarina, e assim ia conhecendo cada vez mais a sociedade brasileira.

“A procura por novos mercados e outras oportunidades levou à dispersão dos mascates pelo interior do Brasil, integrando áreas rurais e as pequenas cidades ao mercado do produtor e distribuidor de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.” (PINTO, p.68).

Alguns meses depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, a família partia para São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, cidade marcada pela imigração alemã, mas não é lá que se estabelecem definitivamente “lá um começo promissor logo se transformou em desilusão (...)” (Miguel, 2011: 14) e sim, quatro anos após o desembarque no Cais da Praça Mauá, a família se instala em Alto Biguaçu, cidade do interior catarinense.

“O ano: 1930; a localidade: Alto Biguaçu, era a quinta vez em quatro anos que a família, vinda do outro lado do mundo, buscava um chão. Começara por Magé, RJ, (...) em Florianópolis os patrícios alertaram que ali havia comerciantes em excesso (...) em São Pedro de Alcântara um começo

promissor (...) em Rachadel, outro núcleo de colonização alemã, (...). Agora era a vez de Alto Biguaçu.” (Idem)

É nesta cidade que o menino Salim, nascido no Líbano, tem contato com um nativo da terra, o indiozinho adotado por “Seo Fermiano”, vizinho da família Miguel. Da mesma idade, os meninos logo ficam amigos e brincam juntos, trazendo consigo elementos de sua cultura de origem, pela memória, através de suas brincadeiras, mantinham suas origens.

“(…), porém do que mais gostavam era brincar com barro, ficavam horas entretidos, o bugrinho tentando fazer uma piroga e um remo, um papagaio, o turquinho, lembrança de lembranças dos pais, simulacro de um cedro do Líbano, ou um bolinho, que ele brincava dizendo comam um pedacinho de quibe.” (p.16).

Mantendo viva na memória suas tradições culturais, Salim copiava o cotidiano de seus pais. Por maiores que fossem as pressões para que a assimilação cultural ocorresse, os imigrantes sempre guardavam alguma forma de identificação étnica. Por mais que os laços do país de nascimento de Salim Miguel tenham se diluído, é na memória afetiva que ele guarda a identificação étnica representada por elementos típicos da cultura árabe, como por exemplo o jogo de gamão: “O pai, depois de folhear a revista *Oriente*, na qual o verso do poeta Fauze Maluf ‘nós somos escravos da vida e da morte’ fê-lo meditar, chamou um dos filhos para jogar uma partida de gamão (...)”. (p. 74)

É em Alto Biguaçu, ainda, que o filho mais velho de José Miguel sente a dor provocada pela separação de um amigo e de um lar. É lá que deixa para trás seu amigo, o indiozinho com quem brincava sempre, tentando com ele ficar enquanto o caminhão partia: “o mais velho ameaçando se atirar para ir ao encontro do amigo que corria atrás do caminhão.” (p.17)

Ao recontar seu passado marcado pelas tradições da etnicidade da família Miguel, o autor, já na velhice, as recupera e mostra como são

assimilados os novos valores culturais e ideológicos que se firmam na constituição de sua vida: “O primeiro romance que leu por inteiro, tinha oito anos para nove de idade, foi o *Tronco do Ipê*, de José de Alencar, emprestado pela professora aposentada Dona Mariazinha.” (p.30)

Interessante ver ainda, que na linguagem memorialística de *Reinvenção*, Salim Miguel volta às suas origens, o tempo não se reconstrói nem se anula, circunscreve suas memórias no tempo da infância e adolescência, circunscritas num espaço delimitado: Rio de Janeiro, Alto Biguaçu, Biguaçu, Florianópolis, Rio de Janeiro. Seu pai é o centro de suas lembranças, na medida em que se refere a si próprio como “o filho de seu Zé”, “o filho mais velho”, “o filho” e com ele reconstrói-se o espaço de terra natal, seja pela lembrança da culinária árabe seja pela lembrança da cultura literária.

“ O pai dizia e dizia em árabe, depois em português, poemas e versos do poeta persa Omar Khayam(...).

Pelas noites, a família reunida, a Mãe preferia citar passagens de O Profeta, de Gibran Kalil Gibran. Já o Pai, além do Rubayat recitava poemas árabes, que não traduzia, ou ainda outros persas como Hafiz e Saadi. (p.31)”.

Notamos assim, que muitos dos imigrantes árabes que aqui chegavam traziam em sua bagagem a cultura canônica, sendo esta, muitas vezes um bem simbólico que diferenciava os imigrantes entre si.

O filho do Seu José é influenciado pelo prazer da leitura e, principalmente, descobre, já no início da adolescência, sua fascinação pelo cinema.⁵

“O filho do seu Zé saiu fascinado, o fascínio da sala escura jamais o abandonaria, bem como a indignação ao constatar que lá nos Estados Unidos faziam com os peles-vermelhas o mesmo que (conforme escutara Seo Fermino contar para o pai) os bugreiros faziam aqui.” (p.34)

⁵ Salim Miguel com Eglê Malheiros, em 1957, escreve o argumento e roteiro de “O preço de uma Ilusão”, primeiro longa metragem de Santa Catarina. Em 1974 adapta para o cinema, com Eglê Malheiros e Marcos Farias “A cartomante”, conto de Machado de Assis. Em 1976, é a vez de adaptar o romance de José Lins do Rêgo, Fogo Morto, contando com a parceria de Eglê Malheiros e Marcos Farias.

O passado é reinventado pelo autor e procura algo sólido para se amparar. O menino nascido no Líbano, criado em Santa Catarina, revive as imagens do cotidiano nos locais por onde passou, re-encontra seus medos e seus fantasmas, que já não o assustam mais, re-encontra seus prazeres, suas dores e suas dúvidas como podemos comprovar no micro-conto “Querer-queria”: “ De menino de dez anos, ele queria (quereria?) de namora a bonita vizinha da mesma idade; tímido – xucro, jamais ficou sabendo se também ela o queria.” (p.32).

As cidades por onde passou são recuperadas, agora, com distanciamento regressa e re-encontra sua família:

“É na hora do almoço, o pai em uma cabeceira da mesa, a mãe de novo grávida na outra, ao lado dela um menino nascido no começo de 1929 em São Pedro de Alcântara, o outro em 1930 em Alto Biguaçu, ao lado do pai duas raparigas, e o mais velho que se apressa a perguntar (...)” (p. 40)

O filho mais velho de Seu José, ao recordar, é levado para suas origens. Lembrando-se das palavras em árabe, das histórias da tradição árabe, da comida que sua mãe fazia.

“Dona Tamina estava na cozinha, hoje ia preparar *labnia*, a coalhada pronta, carne e trigo na máquina de moer, logo os bolos de quibe iriam para o fogo com a coalhada, incomum tal prato, a carne cara, o trigo escasseando. No dia a dia era *jadra*, apelidado pelos filhos de *mi-jadra*, arroz, lentilha, uns temperos, passável se por cima tivesse finas fatias de cebola frita.” (p.74)

O passado emerge. A unidade da família e de seus amigos revela-se e serve de ponto de partida para uma compreensão de suas origens e de seu destino, numa linguagem que interliga família, cidades e mundo. Através do narrador, o artesão da palavra, o projeto ficcional se expande. Este narrador pode ser visto como um alter-ego do autor é dele que emana a condução dos fios narrativos.

Salim Miguel, em *Reinvenção da Infância*, recria o filho de Seu José que mora nele, o garoto cheio de desejos, de humanidade, de sonhos, o menino xucro, o lírico, que “queria ser um contador de

histórias” (p.123). O menino que, ao contrário de Bento Santiago, personagem machadiano, consegue atar as duas pontas da vida, pois tem consciência que “ Escrever é reescrever e reescrever, é cortar, é vocação, é talento, é persistência, é um permanente corpo a corpo com a palavra.” (p. 125)

Referências Bibliográficas:

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987. Volume 1 e 2.
- CHAUÍ, Marilena. In: BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade – A memória dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- ISER, Wolfgang. “ Os atos de fingir, ou o que é fictício no texto ficcional. Trad. Luiz Costa Lima. In: Lima, L.C. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1983. Vol. II
- LEJEUNE. Philippe. **O Pacto Autobiográfico – de Rousseau à Internet**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.
- MIGUEL, Salim. **Reinvenção da Infância**. São Paulo: Novo Século. 2010.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro – uma identidade plural**. Rio de Janeiro: Cidade Viva. 2010.